

CAMPANHA DE PÉ NO CHÃO TAMBÉM SE APRENDE A LER:

A influência da teoria freireana nas práticas curriculares

Fernanda Mayara Sales de Aquino (UFRN)
fernandamayara19@yahoo.com.br

Rosa Aparecida Pinheiro (UFRN)
rosa3ufrn@gmail.com

Resumo

Objetivamos discutir práticas educativas que foram orientadas pela teoria freireana na Campanha De Pé no Chão Também Se Aprende a Ler, realizada na cidade do Natal/RN, na década de 1960, enfatizando a dialogicidade de saberes em sua constituição e influência na organização curricular de ações formadoras em nossa prática educativa atual. Para tanto, realizamos pesquisas bibliográficas e utilizamos entrevistas que registram narrativas de professores/gestores dessa experiência educacional. A teoria pedagógica freireana fundamentou as práticas educativas de professores da referida Campanha, configurando ações fundamentadas no diálogo e na articulação dos saberes acadêmicos e experienciais como elementos essenciais a elaboração de propostas curriculares de educação de adultos e crianças. Portanto, redimensionamos as proposições vivenciadas como possibilidades presentes à prática de uma educação que considere a dimensão política e cultural dos educandos.

Palavras-chave: Campanha 'Pé no Chão'; Práticas curriculares; Princípios freireanos.

Contexto Histórico e Possibilidades Formativas

Estado do Rio Grande do Norte, nos anos de 1961 a 1964, foi cenário da Campanha de Pé no Chão Também se Aprende a Ler, alicerçada numa proposição política de educação popular inclusiva, em que se vislumbra a inserção de crianças, jovens e adultos que, muitas vezes, foram excluídos do processo regular de ensino e/ou tem sua cultura desapreciada. Esse processo de inserção ocorreu, em alguns espaços de ensino-aprendizagem da Campanha, dentro de uma perspectiva freireana de valorização da cultura e conscientização política dos educandos. Esta pesquisa foi

Debates em Educação

realizada no Núcleo de História e Memória da Educação dos Jovens e Adultos do Rio Grande do Norte (NUHMEJA-RN), inserida nos estudos sobre memória no que se refere à essa Campanha, na qual objetivamos discutir práticas curriculares que foram orientadas pela teoria pedagógica freireana.

Considerando a importância da referida Campanha, no que se refere à alfabetização e à escolarização de crianças e adultos, destacamos a análise dessa memória para uma reflexão aprofundada sobre a prática de formação pedagógica nos dias atuais. Com base nessa memória, podemos ter acesso a acontecimentos e conhecimentos que foram a base do que, hoje, se apresenta em termos da Educação de Pessoas Jovens e Adultas, ou seja, é possível compreender o contexto histórico dos princípios desse campo educativo e as possibilidades formativas que se apresentam para nós pesquisadores e educadores.

Nesse sentido, os saberes constituídos pela memória sociocultural não são apenas recordações, mas uma fusão de experiências na retomada de uma memória social comunitária que permite aos seus integrantes conceberem-se como integrantes de uma sociedade que se transforma em conjunto (AQUINO; TOSCANO; SAMPAIO, 2011, p. 5).

A Campanha De Pé no Chão Também Se Aprende a Ler se desenvolveu num cenário, extremamente adverso, em que havia um elevado número de analfabetos na cidade do Natal nos anos de 1960, não havendo recursos suficientes para emplacar a construção de mais escolas na cidade. Contudo, o que sabemos com base em estudos que foram realizados até então (GERMANO, 1981, 2010; CORTEZ, 2005; GÓES, 2010) é que essa Campanha foi exitosa na empreitada de viabilizar educação e cultura à população de Natal, com uma fundamentação política inovadora e inserção dos aspectos culturais para a construção de uma proposta pedagógica matriz de articulação de saberes curriculares. Essa campanha educativa foi pensada e desenvolvida dentro de uma concepção de educação popular, esta entendida por Freire (1987, 2006) como uma educação comprometida e participativa orientada pela perspectiva dos direitos e participação do povo.

Debates em Educação

Esse posicionamento político, por parte dos organizadores da campanha, vai ao encontro das ideias de Paulo Freire, que, durante essa Campanha, vem a Natal para ministrar um curso para seus professores. Assim, as proposições da referida Campanha foram concebidas dentro de um ideal de educação para todos e valorização da cultura popular, no qual se buscava aumentar o número de alfabetizados da cidade do Natal, além de incentivar a cultura local. O então Secretário de Educação Moacyr de Góes em discussão com o Comitê Nacionalista das Rocas buscava medidas que viabilizassem a diminuição da taxa de analfabetismo e, dessa discussão, adveio, por parte do Comitê Nacionalista, a proposta de construção de Acampamentos Escolares cobertos com palha, e feitos de chão de barro batido. (GÓES, 2010).

Os Acampamentos Escolares foram compostos por um galpão circular, onde aconteciam as festividades do bairro e as reuniões de pais e professores; e por galpões em forma retangular, onde funcionavam as salas de aulas e uma pequena sala de alvenaria que servia como diretoria, secretaria e almoxarifado. Nas dependências desses Acampamentos Escolares, também, existiam aviários e hortas, que permitiam a produção da merenda escolar para as turmas de crianças, que funcionavam durante o dia. No período noturno eram oferecidas aulas de alfabetização para os adultos, que em geral eram pais das crianças que estudavam no mesmo acampamento pela manhã ou à tarde. Os espaços destinados às festividades do bairro nos Acampamentos Escolares objetivavam favorecer a integração das manifestações culturais da comunidade na escola. Nesse sentido, podemos afirmar que se buscava, em meio à organização das práticas educativas da Campanha, o respeito à diversidade em suas especificidades culturais. Segundo Góes (2010, p. 91) “Era política expressa da Secretaria Municipal de Educação vincular o Acampamento às organizações populares e lideranças culturais mais expressivas do bairro onde se localizava.”

Na prática educativa da Campanha De Pé no Chão Também Se Aprende a Ler há uma preocupação quanto à relação da alfabetização com as práticas culturais. Para tanto, estamos entendendo práticas culturais “[...] como o todo de uma representação na religião, na música, nas manifestações tradicionais e artísticas, nas festas, bem como os momentos em que essas práticas se vinculem, como compromisso ou conflito

Debates em Educação

em um contexto social.” (PINHEIRO, 2011, p.124). A exemplo dessa busca de integração de práticas culturais, destacamos a inclusão no cotidiano dos Acampamentos das apresentações de grupos populares. Segundo Góes,

[...] pouco a pouco, surgiam iniciativas comuns entre o Acampamento das Rocas e a Sociedade Araruna de Danças Antigas; entre o Acampamento de Aparecida e o fazedor de imagens Chico Santeiro; entre o Acampamento de Conceição e o Babelô Asa Branca; entre o Acampamento do Carrasco e os Congos e/ou Boi-Calemba (GÓES, 2010, p. 91).

Ao pensarmos a integração da cultura popular nas práticas organizativas das ações pedagógicas, percebemos sua importância como meio que integra diversão e a cultura dos alunos no ambiente escolar, ajudando a fortalecer as experiências dos aprendizes. Segundo Giroux; Simon (2000, p. 96) “A cultura popular é organizada em torno do prazer e da diversão, [...] é apropriada pelos alunos e ajuda a validar suas vozes e experiências.” Ao pensarmos a apropriação pela compreensão do conhecimento, enquanto discernimento e elaboração de critérios para a apropriação de um objeto pelo pensamento, possibilitamos a constituição de saberes que contemplam suas várias facetas e sua sistematização.

Destacamos na pesquisa que, como precursora de um pensar de Cidade Educadora, as ações em termos de integração da cultura popular na Campanha De Pé no Chão Também Se Aprende a Ler, com o passar do tempo, não se restringiram aos Acampamentos, mas se desdobraram na criação de praças de cultura, do Teatrinho do Povo, Galeria de Arte, círculos de leitura, Museu de Arte Popular, reativação de grupos de danças folclóricas etc. (GERMANO 2010). Em todos esses eventos culturais, o povo, segundo Germano (2010, p. 133), “[...] participava e não somente assistia como mero espectador” das manifestações culturais. Esse processo foi importante por permitir à população criar e dar voz às suas experiências e subjetividades, além de contribuir para organização cultural da cidade. Nesse sentido, destacamos em conformidade com Pinheiro (2011) o papel das práticas culturais como produtoras e condicionantes em relações de autonomia social e individual.

Debates em Educação

Além da criação dos Acampamentos Escolares, foi criado o Centro de Formação de Professores, em 1962. Esse Centro sob a direção da professora Margarida de Jesus Cortez teve a função de preparar cursos de formação para professores, realizar o trabalho de coordenação técnico-pedagógica da Campanha De Pé no Chão Também Se Aprende a Ler, bem como manter uma Escola de Demonstração. Essa Escola de Demonstração tornou-se importante por servir de laboratório para as professoras que foram treinadas pelo Centro. No que concerne às questões culturais referentes aos processos de ensino-aprendizagem nessa Campanha, a criação do Centro de Formação de Professores foi relevante por incluir, nos cursos de preparação pedagógica, discussões sobre a cultura popular e sobre o livro de leitura de adultos. Segundo Germano (2010, p. 126) “O temário, em geral, versava sobre os seguintes aspectos: ‘[...] Cultura Brasileira e Alienação, Cultura Popular [...] Análise da Cartilha da Campanha.” Além disso, o Centro de Formação de Professores promoveu, em 1963, o 1º Congresso de Cultura Popular, que contou com a participação de representantes dos Estados de Pernambuco, Ceará, Paraíba, Rio Grande do Sul e Rio Grande do Norte.

Outros espaços de ensino-aprendizagem da Campanha foram os Círculos de Cultura, criados em 1963, que utilizaram a abordagem freireana para alfabetização de adultos. Após um treinamento formal realizado pelo próprio Paulo Freire em Natal, a fim de preparar os alfabetizadores para aplicação de seu método no processo de alfabetização de adultos, foram criados Círculos de Cultura nos bairros das Rocas e em Nova Descoberta. (GÓES, 2010). A partir desse momento, a teoria pedagógica desse educador passa a influenciar as práticas educativas de professores da Campanha e orientar a organização dos elementos pedagógicos que podemos pensar como uma proposição curricular.

Os Círculos de Cultura eram destinados a adultos e funcionavam no período noturno, onde se buscava nas aulas alfabetizar através do sistema Paulo Freire. Por meio dessa abordagem “[...] o ensino da leitura e da escrita já não é a repetição mecânica de ba-be-bi-bo-bu nem a memorização de uma palavra alienada, mas a difícil aprendizagem de ‘nomear’ o mundo.” (FREIRE, 2006, p. 57). Esse processo de ‘nomear’ o mundo implica na conscientização do alfabetizando de sua realidade social existente

Debates em Educação

a fim de ampliar suas possibilidades de melhoria nas condições de vida. Segundo Freire (2006, p. 59), “[...] a alfabetização, que leva a sério o problema da linguagem, deve ter como objeto também a ser desvelado as relações dos seres humanos com seu mundo.”

Nesse processo, as experiências socioculturais dos educandos devem constituir a fonte primária de organização dos conteúdos a serem trabalhados, sendo preciso que os saberes tenham significativos para os educandos, o que, segundo Freire (1987), só é possível se esses conteúdos trabalhados forem resultado de uma pesquisa na realidade social desses alunos. Sendo assim, “[...] o conteúdo programático da educação não é uma doação ou imposição, mas a devolução organizada, sistematizada e acrescentada ao povo daqueles elementos que este lhe entregou de forma desestruturada” (FREIRE, 1987, p. 58). Dessa forma, propõe-se, no trabalho de alfabetização de adultos numa perspectiva freireana, a integração do saber acadêmico ou erudito com o saber advindo da cultura popular. Para Pinheiro (2011):

A proposição freiriana revela uma perspectiva curricular que, antecipando-se à influência posterior dos Estudos Culturais, propõe uma ligação entre a cultura erudita, ou acadêmica, e a cultura popular. Essa ampliação permite que se veja a possibilidade de conexão entre as práticas culturais da comunidade como um conhecimento experiencial que legitimamente deve fazer parte do currículo (PINHEIRO, 2011, p. 144).

Nos Círculos de Cultura, o processo de alfabetização, à luz dessa perspectiva freireana, deveria acontecer tendo por base a integração entre os saberes dos alfabetizadores e educandos, permeado do processo de conscientização política dos analfabetos, que proporciona aos sujeitos a leitura do mundo onde vivem. Nesse sentido, afirma Freire (2006, p. 72) “[...] a conscientização não vem antes ou depois da alfabetização. Ela se dá neste como na post-alfabetização ou em atividades de educação política envolvendo analfabetos e não necessariamente ligadas a um esforço alfabetizador.” Assim, compreendemos que havia uma preocupação, por parte dos idealizadores da Campanha em possibilitar aos aprendizes certo grau de conscientização política.

Vozes presentes da Campanha de Pé no Chão Também se Aprende a Ler

A teoria pedagógica freireana propõe uma educação política com vistas à transformação da realidade social dos educandos. Nesse sentido, uma prática educativa alicerçada na teoria de Paulo Freire, objetiva a formação de sujeitos conscientes de sua realidade social e imbuídos do desejo de transformação dessa realidade, ou seja, propõe desenvolver a criticidade dos alunos e formadores num processo que Freire (1987) denomina de “leitura do mundo”. Para compreender as leituras de mundo presentes em nossa pesquisa, utilizamos entrevistas, cedidas pelo NUHMEJA-RN, que registram narrativas de professores/gestores da Campanha De Pé no Chão Também Se Aprende a Ler. Após ter acesso a cerca de dez entrevistas de professores da referida Campanha, decidimos por fazer uso das entrevistas do professor Josémar Azevedo, da professora Marlene Araújo e da professora Salonilde Ferreira, pois eles desenvolveram práticas educativas alicerçadas na teoria pedagógica freireana durante seus trabalhos realizados na aludida Campanha.

Esse critério de seleção das narrativas dos sujeitos nos permite discutir as práticas educativas que foram orientadas pela teoria pedagógica freireana na referida Campanha, na década de 1960. No tocante ao uso das narrativas enquanto procedimento metodológico, essas representam uma possibilidade de produzir outro tipo de conhecimento mais próximo das realidades educativas e do cotidiano dos sujeitos (WITTIZORECKI ET AL, 2006). A investigação metodológica através de narrativas permite o acesso a representações de sujeitos que vivenciaram ou testemunharam determinado acontecimento, que não são contempladas nos documentos oficiais.

Na prática educativa de Josémar Azevedo, destacamos a relação dialógica entre educador e educando no processo de ensino-aprendizagem e na seleção e organização das ações e elementos fundantes dessa demanda. Nesse sentido, nos esclarece o professor Josémar Azevedo:

Debates em Educação

[...] não era aula propriamente assim de alfabetização, era uma coisa mais ampla, onde agente discutia alguns temas. Claro que a gente tinha a parte de aprendizagem da língua propriamente dita, da alfabetização, da escrita etc, mas tinha aquelas outras atividades (JOSEMÁ AZEVEDO, 2011).

Com base na fala desse professor, tomamos como ponto de reflexão os apontamentos de uma prática educativa fundamentada no diálogo. Há uma relação dialógica entre educador e educando, sendo ambos os sujeitos ativos no processo de alfabetização. Segundo Freire (2006), uma educação voltada para libertação não ocorre sem esse diálogo entre os sujeitos cognoscentes. Para esse autor, “Para ser um ato de conhecimento o processo de alfabetização de adultos demanda, entre educadores e educandos, uma relação de autêntico diálogo.” (FREIRE, 2006, p. 58).

Esse diálogo se inicia quando o educador realiza investigações na realidade social dos educandos a fim de sistematizar o conteúdo programático da educação, sendo um elemento curricular central a uma proposta educativa emancipatória. Os conteúdos a serem trabalhados com os alunos partiam de sua realidade existencial, sendo sua organização de ensino no Círculo de Cultura de Nova Descoberta parte desse pressuposto freireano. Nesse sentido, destacamos a fala do professor José Má Azevedo:

[...] e a gente tinha esse contato com a comunidade. Primeiro fazendo essa pesquisa do universo vocabular deles. Desse universo vocabular, daquelas palavras a gente fazia as sílabas [...] a partir daí a gente fazia palavras, que eram palavras conhecidas deles; a partir desse universo vocabular usado por eles (AZEVEDO, 2011).

No Círculo de Cultura, essa relação dialógica entre alfabetizador e educandos ocorre quando os alunos do Círculo são orientados a dialogar com o alfabetizador sobre sua realidade a fim de superar sua visão focalista da realidade por outra, global. Assim, o educando vai desenvolvendo sua capacidade de pensar criticamente acerca de sua realidade social e seu saber curricular. Nesse processo, destacamos que há, portanto, um saber por parte desses educandos que é inserido na prática educativa do Círculo de Cultura, dialogando com os saberes dos alunos que assumem um papel vital

Debates em Educação

- visto que fundamentaram as práticas educativas do Círculo incorporando às atividades escolares os aspectos culturais e sociais da comunidade.

Porque acontece o seguinte: é que, indiscutivelmente, há uma sabedoria popular, um saber popular que se gera na prática social de que o povo participa, mas às vezes, o que está faltando é uma compreensão mais solidária dos temas que compõem o conjunto desse saber (FREIRE apud PADILHA, 2004, p. 167).

Esses saberes e práticas sociais desenvolvidos pelos educandos em seu contexto social contribuem, efetivamente, para a construção do currículo do Círculo de Cultura. “A sala de aula é um espaço privilegiado, mas não único, em que o currículo é construído e vivenciado cotidianamente, mesmo que às vezes esse fato não seja reconhecido pela maioria dos participantes do processo.” (PADILHA, 2004, p. 161).

Há, no Círculo de Cultura de Nova Descoberta, a valorização da cultura dos educandos – que pode ser constatada tanto por ser um dos princípios do pensamento freireano, que fundamenta a prática pedagógica do Círculo de Cultura em discussão, como pela observância de práticas culturais na constituição desse círculo de cultura e no pensar pedagógico-curricular. O professor Josemá Azevedo, acerca de sua prática, nos fala sobre a valorização da cultura dos alunos

[...] era uma coisa importante que o prefeito Djalma dava uma atenção especial a essa área da cultura, em que nós tínhamos todos [...]. Então quando a gente tinha a oportunidade se apresentava a esse grupo alguma coisa dessa natureza. [...] a gente mostrava que capoeira faz parte da cultura, o menino soltando pipa. Tudo isso é cultura. Era importante mostrar e a valorização dessas coisas. Coisas que em geral pertence ao universo dessas pessoas (AZEVEDO, 2011).

A preocupação em recorrer a práticas culturais para dialogar com os alunos do Círculo de Cultura, sobre questões de conscientização e diversidade cultural, é outro aspecto que destacamos na fala do professor Josemá Azevedo. Isso nos leva a pensar sobre o uso dessas práticas circundando os conteúdos curriculares desse Círculo de Cultura. Como exemplo, foi narrado como, por meio de canções de Juca Chaves¹, foram trabalhadas questões políticas da época – pautando para nossa reflexão com base nos estudos de Pinheiro (2011), que questiona sobre como

¹ Compositor, músico e humorista brasileiro.

Debates em Educação

reconhecer, nas práticas culturais, experiências que possam se tornar conteúdos curriculares.

Como vimos, no Círculo de Cultura de Nova Descoberta, desenvolveu-se uma prática educativa fundamentada no diálogo; na valorização da cultura dos educandos, em que a aproximação com a realidade existencial dos alunos foi fator decisivo na escolha dos conteúdos e na forma como esses foram organizados e trabalhados, bem como o uso de práticas culturais nas aulas de alfabetização. Assim, identificamos além da influência da teoria pedagógica freireana na prática educativa do referido círculo a presença, já nessa época, do que hoje entendemos como os aspectos culturais no campo do currículo. Ao priorizarmos o saber construído com base em situações concretas, encontradas no ambiente do trabalho em representações e convenções institucionais, bem como na convivência com as comunidades atendidas em suas práticas culturais, visamos desenvolver a capacidade crítica do alfabetizador em sua elaboração de estratégias próprias de ação, tornando-se um sujeito autônomo.

No tocante a Escola de Demonstração, a concepção de alfabetização estava fundamentada numa compreensão da realidade a partir do processo de conscientização e politização dos educandos. A professora Marlene afirma que “[...] segundo a filosofia da Campanha o fulano de tal não estava alfabetizado se ele não tivesse um pouco de politização. [...] se você não tem um pouco de politização você não pode ser considerado alfabetizado.” (MARLENE ARAÚJO, 2011). Assim, o processo de alfabetização está associado à formação política. No período de atuação da professora Marlene Araújo, que corresponde a 1963, as ideias de Paulo Freire já haviam sido incorporadas à Campanha De Pé no Chão Também Se Aprende a Ler, logo é possível estabelecer relações entre a teoria pedagógica de Paulo Freire e as práticas pedagógicas da professora Marlene.

Nas aulas, foram discutidos assuntos pertinentes e atuais da comunidade. Segundo a professora Marlene, “[...] se pegava um assunto importante da semana e se fazia o comentário dentro da sala de aula. Questão de saneamento básico, da água que não [...] da energia.” Assim, trazemos o conceito de conscientização de Freire (2006), que o aborda em duas etapas. Segundo esse autor:

Debates em Educação

Se não há conscientização sem desvelamento da realidade objetiva, enquanto objeto de conhecimento dos sujeitos envolvidos em seu processo, tal desvelamento [...] não basta ainda para autenticar a conscientização [...]. A sua autenticidade se dá quando a prática do desvelamento da realidade constitui uma unidade dinâmica e dialética com a prática da transformação da realidade (FREIRE, 2006, p. 171-176).

A partir dessa abordagem freireana, constatamos que a prática da professora Marlene corresponde a uma primeira etapa da conscientização, que se refere ao desvelamento da realidade por parte dos alunos. Há uma preocupação em conscientizá-los sobre as problemáticas sociais. Entretanto, ainda não há uma unidade dialética reflexão-ação. Há nessa ação educativa uma formação também da educadora, pois ao refletir sobre seu saber experiencial, entendemos este como parte inerente ao ser em formação, na qual toda experiência vivenciada vai ser incorporada a um cabedal de conhecimentos e saberes. As aprendizagens resultantes dessa relação podem ser ampliadas a espaços diferenciados, podendo redimensionar a formação e a formulação de um saber curricular, em um canal de articulação com as práticas culturais comunitárias. O saber curricular, nesse contexto, não é um saber delimitado, mas se estabelece na relação entre outros saberes.

Damos ênfase também à fala da professora Salonilde Ferreira, que ministrou aulas para crianças na Escola de Demonstração, da Campanha De Pé no Chão Também Se Aprende a Ler, com base na abordagem freireana. Embora as concepções de Paulo Freire sejam reconhecidas, nacionalmente e internacionalmente, por sua aplicabilidade à educação de adultos, na fala da professora Salonilde Ferreira constatamos o uso e o proveito dessa abordagem, também, no processo de alfabetização de crianças. Segundo a professora Salonilde, “[...] lá na Escola de Demonstração, um projeto muito interessante que aconteceu [...] foi a alfabetização de crianças usando o método Paulo Freire.” (FERREIRA, 2012).

A professora Salonilde nos relata que na adaptação do método Paulo Freire para alfabetização das crianças foi realizado um levantamento do universo vocabular das crianças para que a alfabetização ocorresse a partir de palavras pertencentes à realidade existencial dos alunos.

Debates em Educação

A gente seguia adaptado, né [...]! A gente fazia um levantamento do universo vocabular das crianças e partia daquelas palavras-chave que já era do conhecimento das crianças, do seu cotidiano, do seu dia a dia. Em quatro meses as crianças já estavam todas alfabetizadas naquele primeiro estágio da alfabetização (FERREIRA, 2012).

A fala da professora Salonilde Ferreira, nos remete também ao que Freire (1987) defende como uma educação dialógica, em que o diálogo começa na busca do conteúdo programático da educação. Com base nessa teoria educativa o educador faz uma investigação acerca das palavras e temas geradores na comunidade a qual pertencem os alunos, num “[...] esforço de propor aos indivíduos dimensões significativas de sua realidade, cuja análise crítica lhes possibilite reconhecer a interação de suas partes.” (FREIRE, 2005, p. 111). Esse processo ocorre por meio de uma metodologia conscientizadora em que os indivíduos se reconhecem como sujeitos no mundo e agentes de transformação da realidade social que estão inseridos.

Neste sentido, é que a investigação do tema gerador, que se encontra contido no ‘universo temático mínimo’ (os temas geradores em interação), se realiza por meio de uma metodologia conscientizadora, além de nos possibilitar sua apreensão, insere ou começa inserir os homens numa forma crítica de pensarem seu mundo (FREIRE, 2005, p. 112).

Essa investigação de temas geradores é também um elemento do saber curricular respaldado no aporte freireano, que interliga ação e a reflexão e em uma relação de saberes que se daria na ruptura e superação de conhecimentos, em práticas culturais que se adequam e se reorganizam em espaços sociais diferenciados. Os referenciais curriculares são aqui entendidos como artefato para a manufatura de saberes e confecção de um tecido social em que, ao optarmos por uma seleção e organização curricular, podemos reordenar a base de conhecimentos que o alfabetizador tem, redimensionando seus saberes individuais e o contexto coletivo e social em que se insere.

Considerações Finais

Debates em Educação

Como percebemos a Campanha De Pé no Chão Também Se Aprende a Ler, realizada na cidade do Natal/RN no período que compreende de 1961-1964, foi pensada e desenvolvida dentro de uma concepção de educação popular - orientada pelos direitos e participação de crianças, jovens e adultos que, na perspectiva de valorização de seus saberes como elemento de organização da proposta pedagógica, podemos inferir como bases de uma concepção curricular para a atualidade. Essa Campanha abrangeu diversos espaços de ensino-aprendizagem, tais como acampamentos escolares, círculos de cultura, Centro de Formação de Professores, Escola de Demonstração e espaços culturais como praças, museu e bibliotecas populares a fim de proporcionar escolarização e cultura para crianças e adultos. Nessa dimensão educativa ampliada e inovadora na década de 1960, a articulação de saberes pressupôs o processo criativo dos alfabetizadores na formulação de conceitos e procedimentos - em que o saber curricular é integrador de um saber que o educador traz, e não como fator externo a ser dominado.

Assim, destacamos que a teoria pedagógica freireana, em sua importância e influência no caráter progressista que assumiu a experiência da Campanha De Pé no Chão Também Se Aprende a Ler, nos possibilita uma ponte de referência às práticas culturais e às memórias coexistentes no campo da educação de pessoas jovens e adultas. Vislumbramos que se faz necessária uma organização que, assegurada através de negociação e consenso dos grupos envolvidos, possa representar as fontes distintas, respeitando as diferenças intrínsecas em função de sua utilidade social e vivências culturais. Nas análises realizadas concluímos que o processo formativo na Campanha consolidou uma perspectiva curricular com base na reflexão sobre os conhecimentos e aprendizagens em cada situação vivenciada. Essa memória presente pode nos propiciar elementos que permanecem como centrais para pensarmos o currículo como espaço de emancipação.

Nesse sentido, destacamos questões atuais como o diálogo, as questões culturais, planejamento coletivo, articulação dos saberes acadêmicos e experienciais dos educandos e flexibilidade do processo educativo às diferentes situações de ensino-aprendizagem como elementos essenciais a elaboração de propostas curriculares de

Debates em Educação

educação de pessoas jovens, adultas e crianças – já presentes nessa Campanha da década de 1960. Portanto, ressaltamos a memória da Campanha De Pé no Chão Também Se Aprende a Ler como espaço para reflexões sobre proposição de propostas curriculares de educação de jovens, adultos e crianças. Esse olhar redimensiona essa memória não como uma experiência do passado, mas como possibilidades ante as dificuldades e desafios presentes à prática de uma educação que considere a dimensão política e cultural dos educandos.

Referências

AQUINO, Fernanda Mayara S. de; TOSCANO, Geovania Silva; SAMPAIO, Marisa Narcizo. Memória da educação de jovens e adultos do Rio Grande do Norte: história no presente. In: ENCONTRO DE PESQUISA EDUCACIONAL DO NORTE E NORDESTE, 2011, Manaus. **Anais...** Manaus: UFAM, 2011. p. 1-10.

CORTEZ, Margaria de Jesus. **Memórias da Campanha De pé no chão também se aprende a ler**: reflexões sobre a prática pedagógica de ontem e de hoje. Natal: EDUFRN, 2005.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
_____. **Ação cultural para liberdade**: e outros escritos. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

GERMANO, José Willington. **De é no chão também se aprende a ler**: política e educação no Rio Grande do Norte (1960-1964). 1981. 225 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1981.

_____. **Lendo e aprendendo**: a campanha de pé no chão. 3. ed. Natal: Palumbo, 2010.

GÓES, Moacyr de. **De pé no chão também se aprende a ler: (1961-1964) uma escola democrática**. 3. ed. Natal: Palumbo, 2010.

GIROUX, Henry A.; SIMON Roger. *Cultura popular e pedagogia crítica: a vida cotidiana como base para o conhecimento curricular*. In: MOREIRA, Antonio Flavio; SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Currículo, cultura e sociedade**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

PADILHA, Paulo Roberto. **Currículo intertranscultural**: novos itinerários para educação. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2004. (Biblioteca freiriana; v. 9).

Debates em Educação

PINHEIRO, Rosa Aparecida. Saberes na proposição curricular: formação de educadores de jovens e adultos. Natal, RN: EDUFERN, 2011.

WITTIZORECKI, Elisandro Schultz et al. Pesquisar exige interrogar-se: a narrativa como estratégia de pesquisa e de formação do(a) pesquisador(a). **Movimento**, Porto Alegre, v. 12, n. 2, p. 09-33, maio/ago. 2006.